

Expedição teme o ataque dos kreen-akores

Mário Chimunovitch, enviado especial

Base de Cachimbo — Os kreen-akores voltaram a rondar o acampamento do sertanista Cláudio Vilas-Boas montado à margem direita do rio Peixoto de Azevedo. No dia 5, o encarregado da turma de topografia do 9º BEC, depois de abater um macaco a tiros, viu vários vultos se embrenharem, correndo, nas matas. "Eram os gigantes, tenho certeza."

O avião de reconhecimento e apoio às turmas da Funai sobrevoou a aldeia maior dos kreen-akores e observou que nela permaneciam apenas as mulheres, os velhos e as crianças. "Onde estão os guerreiros", pergunta o sertanista, enquanto os homens de sua expedição instituíram no acampamento um sistema de rondas noturnas, para não serem apanhados num ataque de surpresa.

O CANTO DO KAIABI

Assim que fique pronta a pista de pouso junto ao rio Peixoto de Azevedo, Cláudio Vilas-Boas rumará com seus homens em direção à aldeia maior dos kreen-akores, em frente à qual pretende acampar, em companhia de 10 guerreiros kaiabis, que entoarão seus cantos para atrair os gigantes. Os kaiabis foram trazidos do Parque Nacional do Xingu por Orlando Vilas-Boas.

No acampamento do Peixoto de Azevedo as ordens são severas: ninguém se

afaste em direção à mata, principalmente sozinho. A noite, a vigilância é feita em rodízio pelos homens da expedição, que, munidos de potentes lanternas, vasculham as imediações do acampamento até o nascer do dia.

O tenente-aviador Lucrano, que com o seu 0-19 realiza os vôos de observação e lançamento de viveres para as turmas da Funai e do 9º BEC, disse que, quando sobrevoou a aldeia maior dos kreen-akores, teve uma surpresa:

— Já estava até acostumado com a recepção deles, pois cada vez que realizava um sobrevôo era recebido com dezenas de flechadas e gestos raivosos. No meu último sobrevôo à aldeia, percebi que nela permaneciam apenas as mulheres, crianças e velhos; nem sombra dos nervosos guerreiros. Não sei o que isso pode significar, mas tenho a impressão de que não é coisa boa, pois não posso admitir que todos os homens estivessem no mato caçando, diante da aproximação do pessoal do Cláudio Vilas-Boas.

Os kaiabis, deitados em redes e com as faces tatuadas, são muito comunicativos. Estão ansiosos para cantar na mata e têm certeza — diz Orlando, em tom de brincadeira — "que cantam melhor do que sereias; nenhum kreen-akore, por mais bravo que seja, vai resistir à sedução de seu canto."

Missionário examina o Estatuto do Índio

Goiania (Correspondente) — A comissão especial do Conselho Indigenista Missionário concluiu ontem aqui, após quatro dias de estudos, suas sugestões ao Estatuto do Índio, cujo projeto está em curso no Congresso Nacional.

O trabalho dos missionários realça dois princípios básicos: a necessidade de preservar a cultura indígena e a promoção da integração harmoniosa e progressiva do índio na comunhão nacional, mantendo o respeito às instituições tribais.

NOVOS CONCEITOS

Segundo o padre Jesus Orthal, responsável pela parte jurídica dos trabalhos, os missionários reformulam, em suas sugestões, os conceitos do projeto de Estatuto do Índio, com o objetivo de dar ao documento um caráter eminentemente antropológico.

A comissão reunida em Goiania condenou o caminho seguido em projetos anteriores, ou seja, a insistência no aspecto da assimilação do índio a partir do ponto-de-vista do homem branco, estipulando inclusive, direitos e deveres para os indígenas.

COESÃO E DEFESA

As alterações sugeridas pela comissão especial do Conselho Indigenista Missionário visam a conservar a coesão do índio, para que não se verifique a ruptura do grupo, permitindo sua evolução homogênea, segundo explicou o padre José Vicente César, que se encarregou dos estudos antropológicos.

Padre César, exemplificando, disse que, no caso de o índio ter que trabalhar, deverá fazê-lo de forma especial, em atenção às exigências de sua cultura, que desconhece qualquer noção de lucro e propriedade.

CEEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Data:

Journal de Brasil
14/06/72

Class.:

Pg.:

11